



EU COMO, TU COMES

Matheus Faisting



PORTFÓLIO LITERÁRIO

Desenvolvido para a disciplina “Escrita Criativa”,
sob orientação de Márcio Markendorf.

Edição, diagramação, arte e texto:
Matheus Gonçalves Faisting

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis

All Rights Reserved
© Copyright 2016

EU COMO, TU COMES

Matheus Faisting



APRESENTAÇÃO

Foram poucos os momentos de liberdade criativa que tive nos últimos quatro anos de graduação. Não que esse período tenha me causado muitas indigestões, mas digamos que a objetividade e impessoalidade jornalística não me foram muito libertadoras quando a tarefa era contar boas histórias. Ou digeri-las.

Quando encarei o desafio de produzir um texto ficcional por semana, eu não esperava que viraria noites botando no papel uma ideia maluca ou escrevendo sobre uma mulher que decide *comer* o próprio marido. Muito menos esperaria as crises inevitáveis de criatividade ou o esforço desumano para criar uma história mesmo não tendo ideia para onde ela me levaria. Ou como me consumiria.

Este portfólio literário é fruto de um semestre de variações de inspiração mas, ao mesmo tempo, de um esforço bem particular. Nos próximos capítulos você encontra um cardápio com opções variadas de devaneios saborosos e contos bem temperados.

Sirva-se e coma à vontade.



CARDÁPIO

Eu como, tu comes	06
Walkie Talkie	10
Valentim	14
Asco de você	19
A escolha de Oyá	23
Pipoca	27
Pudim de chocolate	32
As visitas de Ana	36
Vá(cu)o	40
A Ceia	42

EU COMO, TU COMÉES



Prêmio de Melhor Crônica
no Plus Festival 2016

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregório encontrou-se em sua cama intimado por um pedido desconcertante.

— Quero te comer.

Essa foi a primeira vez que Grete surpreendeu Gregório nos quase dez anos de casamento. Filha de japoneses, sempre foi muito reservada. Cresceu em lar católico, fez catequese, crisma e até cogitou ser freira. Sabia o nome de todos os coroinhas da igreja que frequentava. Menina prendada e obediente. Estudiosa desde pequeninha. Cursava farmácia quando conheceu o engenheiro que viria a ser seu marido. Era mulher pra casar. Casou virgem, inclusive.

— Que você quer dizer com isso?

Gregório ainda não tinha assimilado a informação. Era madrugada e tinha acabado de acordar. Sua capacidade cognitiva ainda estava comprometida. Esfregou os olhos certificando-se de sua lucidez.

— Precisamos apimentar a relação.

Apesar do casamento aparentemente feliz, Grete nunca havia sentido um orgasmo. O mais próximo que chegou foi ler a definição do ato no dicionário. Decidiu, então, reverter o jogo. Depois de anos observando o prazer do parceiro, começou a se questionar sobre a possibilidade de tentar algo diferente. Desejo súbito, sem muita explicação.

— Se você me come, então eu também posso te comer.

Demorou até a ficha de Gregório cair. Pensou se Grete estaria usando aquela palavra no contexto correto. Comer. Estranha essa expressão. Desde quando se come alguém? O ato em si não lembra nada uma refeição. Não deixa cheio, apenas extasia. A gente fica jogado, relaxado. Talvez estivesse invertendo os sujeitos de brincadeira, fazendo um jogo com as palavras. Não, só podia ser uma brincadeira. Brincadeira sem graça essa.

— Como assim comer?

— Comer, uai.

— Com a boca?

— Fuder, Gregório. Comer de fuder mesmo.

Gregório se ajeitou na cama. Sentou-se, agarrou um travesseiro e o colocou à frente, abraçado. Sentia-se ironicamente indefeso. Nunca tinha ouvido algo do tipo. Nunca lhe disseram “quero te comer”. O máximo que aconteceu foi uma piscadela safada que levou enquanto andava na Frei Caneca. Mas aquela frase vindo da boca de uma mulher soava ainda mais estranho. Porra, onde já se viu homem ser comido por mulher? Não sabia nem como reagir.

— Tá me chamando de veado?

Gregório sempre foi o macho alfa da turma. Alto, porte atlético e olhos claros. Na escola, não havia menina que não o quisesse. Nem precisou entrar na universidade para perder a virgindade. Logo que terminou o curso foi trabalhar na empreiteira da família. Especializou-se na construção de arranha-céus. Serviço de homem. Era o mais velho de uma linhagem só de meninos. Garoto prodígio pra mãe, filho pegador pro pai. Deixou de lado a vida boêmia pra se casar com Grete. Afinal, mulher como ela não se encontra em qualquer lugar. Preciosidade. Andava na linha mais por medo de perdê-la do que por falta de oportunidade.

— Prazer anal não é exclusividade de homossexual.

— E por que você acha que eu ia gostar?

— Porque você tem próstata.

Grete tinha um ponto. Gregório logo lembrou de uma matéria que um amigo compartilhou no Facebook. Não que tivesse amigos gays. Nada contra, muito pelo contrário. Mas a postagem era pra tirar sarro mesmo. Era uma pesquisa sobre o prazer que a próstata proporcionava quando estimulada. Parecia que era a parte mais sensível do homem. Mais sensível que o pau. Nada relacionado a orientação sexual. Nada a ver com quem a gente fode. Ou come. Era um fenômeno biológico, inevitável.

— Tá louca? Não vou deixar você enfiar nenhum pinto de borracha em mim!

— Quem disse pinto de borracha?

Grete levantou a mão e mexeu os dedinhos. Gregório riu. De nervoso.

— Se você não gostar, não faço mais.

Gregório percebeu que não tinha escapatória. Não tinha mais como argumentar. Grete nunca pareceu tão decidida. Nem parecia

aquela japonesa indefesa e dócil com quem se casou. Bem, parando pra pensar, mão de japonesa não é lá tão grande. E se ele lhe negasse a bunda e ela lhe negasse algo pior? Até poderia ir atrás de outra, mas se Grete descobrisse, ah, se Grete descobrisse. Ele perderia a mulher perfeita. A sua mulher. Não podia correr o risco de ficar sem comer ninguém. Sem comer sua própria esposa. Oras, onde já se viu homem sem mulher pra comer?

— Um único dedo.

Gregório pediu um tempo para se preparar psicologicamente. Fizeram na noite seguinte. Ele preferiu de costas, não queria ver nada. Não queria sentir nada. O que ele não fazia para manter o relacionamento? O que ele não fazia para continuar comendo sua esposa.

Depois do sexo, Gregório era quem tinha o costume de fumar à beira da janela. Mas naquela noite foi Grete quem acendeu um cigarro. Sentia-se metamorfoseada. Observou a lua, feminina. Potente. Tinha acabado de ter seu primeiro orgasmo. Sentia-se transformada. Gozou de tanta excitação. Gozou comendo. De pé, não conteve o sorriso de glória quando ouviu:

— Será que tem muita diferença de um dedo pra dois?



WALKIE TALKIE

Um barulho de estática rompe o silêncio e acorda Nicolas bruscamente. São três da madrugada e essa já é a quarta vez que Bruno o desperta no meio da noite.

Já era costume entre os irmãos pregar peças desse tipo, mas era Bruno quem sempre optava pelas pegadinhas noturnas. Desde que a mãe dos garotos decidiu dar os walkietalkies como presente de aniversário, eles não passaram um dia sequer sem usar o brinquedo. Usavam-no para compartilhar segredos e fofocar sobre as meninas do colégio. Mas ele era ainda mais útil para se comunicar durante a noite, quando esperavam seus pais caírem no sono para que pudessem assistir à sessão de filmes de horror na televisão da sala.

Como a maioria dos irmãos gêmeos, Nicolas e Bruno tinham interesses bastante diferentes, mas a paixão por filmes de terror era o que mais se orgulhavam de compartilhar. A mãe dos garotos detestava a ideia de que crianças de onze anos tivessem acesso a filmes deste tipo, mas era o pai quem corrompia a molecada. Escritor e fã assumido de Stephen King, era ele quem cuidava dos meninos enquanto a esposa trabalhava na loja de cosméticos da família. Pelo menos um filme de horror por semana era assistido pelos três. Era o momento mais aguardado do dia

Mesmo contra a vontade da mãe, os irmãos conseguiram decorar seus quartos com os pôsteres de seus filmes favoritos. Nicolas, que era cinéfilo de carteirinha, fazia questão de não deixar nenhum espaço vazio nas paredes. Na porta de entrada do quarto, pendurava imagens das películas mais recentes. Seu favorito era o de A Hora do Pesadelo. O pôster de Jack Nicholson em O Iluminado, que conseguiu depois de muito implorar a seu tio, dono da locadora mais badalada da cidade, estava ostentado na porta do guarda-roupa. Espalhados pelas outras paredes do quarto, imagens de Poltergeist e A Volta dos Mortos Vivos. À beira da cama, o pôster do filme que mais lhe espantava: Evil Dead.

Nicolas não conseguia mais voltar a dormir. Depois de acordado, era muito difícil sentir sono novamente. A essa altura, as pegadinhas do irmão já não estavam mais tão engraçadas. Decide levantar da cama e se agacha, com cuidado, no carpete de veludo vermelho no centro do quarto. Agarra o walkietalkie e responde.

– Já entendi, suas pegadinhas são melhores. Agora me deixa em paz.

Sem resposta, o garoto deixa de lado o brinquedo e respira fundo. Levanta e vai em direção à janela do quarto. De lá observa a rua, iluminada por um único poste de luz fraca e amarela. As casas da vizinhança nunca estiveram tão quietas e escuras. A Brasília bordô de seu pai, estacionada logo à frente, chama sua atenção. Sente uma pontada no braço enfaixado.

Há cerca de um mês, enquanto voltavam da escola, um carro ultrapassou o sinal vermelho do semáforo e foi ao encontro da família. Todos acabaram no hospital. O que impediu Nicolas de ser impulsionado para fora do carro foi o único sintoma de segurança da parte traseira do veículo. O garoto, que antes desejava ter um braço enfaixado para que os colegas de escola pudessem assinar o gesso e deixar recadinhos de amizade, já não achava aquilo tão legal.

O barulho de estática explode novamente do walkie talkie. Nicolas cerra os punhos, irritado. Era Bruno. A primeira vez até tinha sido engraçada. Afinal, acordar um desavisado com aquele barulho perturbador no meio da madrugada pode ser bastante assustador. Mas agora só lhe restava tolerar, não dar bola. Não se daria ao trabalho sequer de responder o irmão. Respirou fundo, deitou-se na cama e colocou puxou os cobertores para cima das pernas.

Mas o barulho explode outra vez. Agora mais alto.

O garoto pega o brinquedo e responde:

– Puta que pariu! Para com esse caralho, não aguento mais!

O som aumenta mais.

– Eu vou te descer o cacete

E mais.

– Você vai acordar nosso país, para com isso!

Explosão ensurdecadora.

Nicolas joga o walkie talkie no chão. Desesperado, ajoelha-se e chora.

Imediatamente, seus pais escancaram a porta do quarto. Sua mãe, com lágrimas nos olhos, corre abraça-lo. O pai, apoiando-se em uma muleta e desconcertado com a situação, se agacha e vai ao encontro dos dois. Sob a luz falha do quarto de Nicolas, a família se une.

–Já passou, filho. O Bruno está em um lugar melhor agora.

VALLENTIM



I

Sobre as águas turvas e calmas de um lago profundo, iluminados por um alaranjado final de pôr-do-sol, dois corpos boiam. Em um ritmo lento que acompanha o quase imperceptível balançar do barco ao lado, separam-se apenas por uma mancha escura e rubra de sangue.

II

Vultos desfocados se debruçam sobre Narciso. Seus olhos tentam identificar as imagens distorcidas e confusas que o observam. Silhuetas humanas. Uma luz intensamente branca, vindo detrás desses borrões, força a contração de suas pupilas. Entre as balbucias e sons que ainda lhe são estranhos, consegue identificar a voz de sua mãe.

“Parece que ele está acordando. ”

Narciso esteve em coma por pouco mais de seis meses. Traumatismo craniano causado pelo impacto contra um bote de madeira. Perdeu tanto sangue que foram necessárias duas transfusões para estabilizar o quadro. O garoto de dezesseis anos permanecia sedado no único hospital da cidade, alimentado por sondas enquanto seus pais esperavam por alguma reação. Por algum milagre.

“Que é que aconteceu? ” perguntou, sem resposta.

Com a visão um pouco mais nítida, o adolescente agora presenciava os primeiros exames sendo feitos depois de retomar a consciência. Testes de sentido, temperatura e tudo mais que fosse necessário. Minutos depois ouviria o médico explicar a seus pais quais cuidados precisariam ser tomados a partir de agora e, em seguida, liberá-lo para voltar para a casa.

Apesar de não se lembrar de muita coisa, Narciso reconheceu o Sedan preto da família estacionado na rua em frente ao hospital.

Sentou-se no banco de trás sem dizer uma palavra. O médico que o examinou tinha sido a única pessoa a se comunicar diretamente com ele até agora, e o fez apenas para verificar sua resposta a estímulos sonoros. O que parecia mais estranho era que seus pais compartilhavam um estranho e anormal silêncio. Nunca foram muito de conversar entre si, mas aquilo era diferente.

“Devem estar se recuperando do choque”, pensou.

Não que ele esperasse uma reação muito calorosa de Elisa, sua mãe. Mulher firme, a baixa estatura e a expressão angelical enganavam qualquer desavisado. Foram raras as vezes em que a viu demonstrar algum sentimento. Dividia religiosamente seu tempo entre os afazeres domésticos e a organização dos eventos promovidos pela paróquia da cidade. Era melhor amiga do pároco, inclusive. Nunca foi o tipo de mãe carinhosa, daquelas que vive beijando e abraçando os filhos. Mas por nunca ter tido contato com aquele carinho materno, Narciso jamais reclamou de sua falta. Afinal, como reclamar de algo que nunca se teve?

Hélio, por outro lado, era completamente diferente: e talvez fosse por isso que Narciso estava estranhando tanto aquele silêncio no caminho de volta para casa. Seu pai era extremamente carinhoso, do tipo que não hesitava na hora de brincar com a molecada mesmo depois de um intenso dia de trabalho. Era o tiozão do bairro e não havia quem não o quisesse bem. Seus dois metros e noventa eram intimidadores, mas o sorriso largo e a expressão afetiva compensavam a primeira impressão. Mesmo assim, pelo menos nos vinte minutos de estrada que percorreram até agora, Narciso não havia sequer ouvido a voz do pai.

Quando estavam a menos de 200 quilômetros do destino e a vizinhança lhe pareceria um pouco mais familiar, o garoto começou a perceber uma movimentação estranha no caminho. Enquanto passavam de carro, Narciso notou que várias pessoas o observavam do lado de fora das casas. Senhoras sentadas em cadeiras de balanço pareciam aguardar ansiosamente a passagem do carro, como se estivessem esperando por esse evento há muito tempo. Estranhamente, não esboçavam um sorriso no rosto como se estivessem felizes por recebê-lo de volta. Mais pareciam curiosas. Algumas até assustadas.

Seu pai não estacionou na calçada em frente à casa, como de

costume. Entraram direto na garagem e de lá levaram Narciso para dentro. Hélio sentou-se na poltrona e ligou a televisão. Não disse palavra alguma.

O garoto logo percebeu que não se lembrava das coisas com tanta facilidade. O acidente provavelmente havia lhe causado alguma perda de memória. Ao entrar em casa, sentiu-se em um ambiente hostil e desconhecido. Sensações de estranheza se revezavam com fragmentos de memória. A primeira coisa que chamou sua atenção foram os porta-retratos espalhados pela prateleira da sala de estar. O tamanho das fotos parecia não se encaixar à moldura. Em uma delas, uma imagem sua com Hélio e Elisa reunidos em frente a uma árvore de natal. Na extremidade direita da fotografia, bem onde o ombro de Narciso desaparecia, o garoto notou um pequeno desgaste, como se ali houvesse um rasgo cuidadoso. Um corte que se repetia em outras imagens distribuídas pelo aposento.

“Venha, vou te levar até seu quarto”, disse Elisa, sem muita vontade.

Quinze passos separavam a sala de estar de seu quarto. No caminho, Narciso nota uma porta de madeira trancada com um grosso cadeado de metal. Um desconforto inexplicável toma conta de seu corpo. Os dedos dos pés se contraem e um formigamento no estômago lhe ocorre. A cabeça dói.

Elisa percebe a estagnação e puxa o garoto pelo braço. Puxões fracos de início. Pelo menos de início. Narciso resiste e coloca a palma da mão na maçaneta da porta trancada. Sente algo estranho, algo familiar. E lembra-se de tudo.

“Valentim”, murmura.

III

Em frente às águas turvas e calmas de um lago profundo, iluminados por um alaranjado final de pôr-do-sol, Narciso convida Valentim para um passeio de barco. Ambos comemoravam o aniversário e uma negativa ao pedido poderia deixar o irmão chateado.

Valentim não sabia nadar, mas isso não impediu que Narciso o convencesse a remar até o ponto mais fundo do rio e lá tentarem um

mergulho.

“ Vamos, não te deixo afundar”.

Narciso segurava as mãos de Valentim com força. Boiavam graciosamente ao lado de um barco de madeira. Os cabelos escuros do irmão nunca lhe pareceram tão belos. A pele morena, como a sua, destacava os olhos cor de mel, como os seus. A boca de Valentim parecia mais vermelha sob a iluminação de fim de tarde. Volumosa, refletora.

A tentativa de beijo foi inevitável. Assim como a resposta do irmão que, surpreso, tenta se afastar de Narciso a todo custo. Desesperados, brigam. Violentamente. Valentim se afoga. Narciso, tentando salvar o irmão, encontra o bote com a cabeça. Uma mancha escura e rubra de sangue separa os corpos que agora boiam acompanhando o pouco perceptível balançar do barco.



ASCO DE VOCÊ

É sempre a mesma coisa.

Rita retorna ao velho e mofado apartamento às dezoito horas. Todos os dias, pontualmente. Além da exaustão pós-expediente, traz consigo duas latas de cervejas baratas e um frango assado para o jantar. Assim como seu marido deseja.

Entra pela porta entreaberta do apartamento de número onze, no primeiro andar do decadente Edifício Nêmesis, e logo nos cinco primeiros passos dentro de casa começa a recolher as roupas espalhadas pelo chão. Uma camiseta suada de time de futebol, uma chuteira lambuzada de lama, uma cueca com rastros indesejados.

Estava casada com Carlos Alberto há mais de quinze anos. Conheceram-se em uma integração promovida pela empresa de contabilidade onde ambos trabalhavam. Casaram-se cinco anos mais tarde. Um belo dia Rita o flagrou transando com uma colega na sala de xerox. Escândalo. Para abafar o caso e evitar mais constrangimentos, a chefia do departamento optou por demitir os três envolvidos. Rita rapidamente encontrou outros dois empregos para suprir a renda perdida. Carlos Alberto continua desempregado. Desgostoso, culpa a mulher pelo fim da carreira. Desde então, dedica suas tardes à difícil tarefa de permanecer no sofá assistindo à televisão.

Assim que recolhe as roupas, Rita vai à cozinha. Apesar de deixar a louça limpa antes de sair para o trabalho, às seis da manhã, a essa altura sempre encontra pelo menos três pratos, dois copos e cinco talheres sujos em cima da pia. *Como aquele porco consegue sujar tanta coisa?*

Ainda não tinha visto Carlos Alberto, mas sabia que ele estagnava, quase moribundo, na poltrona do cômodo ao lado. Provavelmente apoiava o prato, sujo do frango que restou do jantar passado, sobre a barriga saltada para fora da blusa encardida. Suavam os pelos compridos de sua orelha e com certeza ainda não havia percebido o cheiro azedo de sua axila, como de costume. Sua testa pingava gotas de calor que escorriam, lentamente, pela monocelha descuidada. Ria, feito um neandertal, a cada esquete de seu programa favorito.

Ah, aquele maldito programa.

Rita não aguentava mais aquele programa. Todo santo dia eram aquelas mesmas cenas, aquela mesma canção. A mesma risada estri-

dente de Carlos Alberto. A cada pegadinha sem graça, a cada vingança encenada naquele programete barato, a maldita música se espalhava feito praga por todos os cômodos da casa. Vingativa, era o nome da canção e também do programa. Nem mesmo As Frenéticas teriam paciência para escutar tanto a própria batida. Rita não aguentava mais a forma como a letra daquela música martelava em sua cabeça. Como aquele ritmo insistia em se repetir.

♪ *Por isso eu sou vin-ga-ti-va.*
♪ *Vingativa.*

E repetir.
♪ *Vin-ga-ti-va.*

E repetir.
♪ *Vingativa.*

Para se livrar do som, trancava-se no banheiro. Assim que fechava a porta, reparava a tampa da privada suja de urina. *Como aquele porco consegue sempre mijar pra fora do vaso?* Pegava um pedaço de papel higiênico e limpava. Em seguida, via pedaços de unha jogados em cima da pia. O cortador, ao lado dos rastros, ria da situação. Rita recolhia, uma por uma, e as jogava na lixeira. Entrando no box, notava fios de cabelos emaranhados no ralo. A água estava fria. O shampoo, que havia pedido para Carlos Alberto comprar, não estava ali. E a música continuava ecoando.

♪ *Vingativa.*

E ecoando.
♪ *Vingativa.*

Rita desliga o chuveiro e agarra a toalha. Enxugar-se, a amarra em volta do corpo e retorna para a cozinha. Passa pelo marido na sala de estar. Não diz uma palavra sequer. Na pia, mais um prato sujo servindo de recipiente para um osso de ave.

– Vai trazer o frango ou vou ter que ir aí buscar?, resmungava o homem.

Com a mão direita, Rita agarra o osso. O observa, atentamente. O coloca em um prato e cospe em cima dele. Vai até a sala e se posiciona atrás do marido. Espera o próximo bloco de pegadinhas começar. Entretanto, ele sequer a repara. A esposa espera o marido se ajeitar na poltrona, observando a televisão por cima do ombro do companheiro. Em poucos segundos, a vítima da pegadinha se espatifa no chão e a última gargalhada de Carlos Alberto ecoa previsível e inevitável.

Rita enfia o osso dentro da garganta do marido.

Enquanto força o alimento com a palma das mãos, Rita o encara decidida, apreciando cada grunhido desesperado. Seus gritos, bestiais, eram abafados a cada milímetro penetrado pelo osso em sua garganta. Ela não iria perder nenhum detalhe. Estava ali para presenciar cada expressão de dor, cada suspiro asqueroso. O observa tentando retomar a respiração, babando num ritmo esquizofrênico. Seus olhos começam a rolar para trás. Piscadelas trêmulas e rápidas. Nunca o tinha visto suar daquele jeito. Suava feito porco no abate. O cheiro insuportável de merda comprovava sua covardia. As lágrimas escorriam pelo rosto e fundiam-se com o amarelado catarro de súplica. Era patética sua luta pela sobrevivência.

Antes do comprido osso de frango parar de se debater entre os dentes e garganta de Carlos Alberto, o peso de seu corpo inquieto pressiona o controle da televisão. O volume é aumentado ao máximo. E Rita parece não mais se incomodar.

♪ Por isso eu sou vingativa.

♪ Vingativa.

♪ Vingativa.

♪ Vingativa.

♪ Por isso eu sou vingativa.

♪ Tenho até asco de você.



A ESCOLHA, DE OYÁ

Oyá sempre soube que esse dia chegaria. Desde pequena ouvia dos anciões da aldeia as histórias sobre os bravos guerreiros que cruzariam desertos e oceanos para encontrar a princesa prometida. Cada um deles traria consigo um bracelete, feito pelas melhores artesãs e com os mais nobres materiais de suas terras. Tudo para conquistar sua mão.

A princesa era a sucessória no trono da maior aldeia da ilha de Madagascar. Desde que a família de Oyá assumiu aquelas terras, governada agora exclusivamente por mulheres, a tradição da escolha do pretendente era o momento mais aguardado por toda a comunidade. Assim que a garota completou vinte anos, a notícia de que a família real estaria recebendo visitas de príncipes de todos os reinos aliados se espalhou como água. Estava tudo propício para a escolha do pretendente e não havia nada que pudesse dificultar o processo. A não ser a vontade da própria princesa.

Batizada com o nome da deusa guerreira do vento e das mudanças bruscas, Oyá tinha a personalidade mais forte do reino. Carregava a certeza do que queria nos olhos cor de mel e a expressava sem pudor pelas bocas redondas e carnudas. Com sua pele cintilante e cabelos curtos e crespos, era considerada a mulher mais bonita da ilha. Desde criança esboçava um temperamento difícil, não aceitando ordens de tipo algum. Não importava de quem viessem. Era conhecida pela impulsividade e foi, durante muito tempo, motivo de preocupação para a família real. Mas, como filha única, acabou sendo a única opção para o reinado.

Por conta da própria natureza, Oyá nunca foi uma garota de muitos amigos. E até que ela não via tanto problema em ficar sozinha. Gostava apenas de andar na companhia de Oshi, um dragão de komodo falante que ganhara nas trocas comerciais feitas entre um viajante indonésio e sua família. Considerava-o seu melhor e mais confidente amigo. O único, para falar a verdade.

– Esse tem cara de que não aguenta o tranco – sussurrou Oshi enquanto o primeiro pretendente entrava na opulente tenda de bambu montada para o encontro com a princesa. Uma plateia com cerca de cem pessoas acompanhava e torcia a cada novo capítulo do evento mais aguardado do ano. Sentados em uma arquibancada rusticamente

construída com pedaços de madeira, pessoas de todo o reino se divertiam a cada não que a princesa soltava antes mesmo das primeiras palavras dos pretendentes.

Mais de trezentos príncipes, dos mais distantes domínios, vieram à ilha almejando a mão da princesa. A tradição estipulava que Oyá decidisse com quem se casaria, mas também seria ela a responsável por conversar com cada pretendente e analisar o presente de cada um deles. Foram cerca de dois meses de encontros diários em que Oyá precisou recepcionar cada príncipe e provar cada bracelete que lhe era trazido.

No último dia de encontros, alguém lhe chamou a atenção. Hiru era príncipe de um pequeno reino nigeriano onde era permitido o casamento de um homem com mais de uma mulher. Assim como Oyá, o príncipe também era conhecido pela sua beleza. De porte atlético, corpo escultural e pele escura como a noite, Hiru era uma espécie de celebridade inclusive em Madagascar. Além disso, seu reino era conhecido justamente por produzir os braceletes mais belos da África, fazendo uso de pedras preciosas encontradas especialmente em sua região. Mas, mesmo com todos esses fatores apontando para Hiru como a escolha perfeita, não foi ele quem chamou a atenção de Oyá.

O príncipe nigeriano veio acompanhado de Obba, sua primeira esposa. Usando um turbante azul-turquesa que contrastava com seu tom de pele escuro e realçava seus olhos verdes, foi a moça quem despertou um sentimento em Oyá. Seu corpo esguio e de curvas bem definidas era valorizado pelo elegante vestido de estampas selvagens. Seus lábios, grossos e rosados, saltavam do rosto da princesa como se implorassem por um beijo apaixonado.

No braço direito, Obba usava um bracelete dourado que tinha recebido de Hiru quando aceitou casar-se com ele. O objeto, decorado milimetricamente com esmeraldas parecidas com o sol, reluzia um amarelo vivo e presente. Entre os trezentos presentes que tinham lhe ofertado, foi justamente aquele que não tinha sido lhe oferecido que mais chamou a atenção da princesa.

Oyá decidiu reunir todos os pretendentes no dia seguinte e fazer um comunicado. Convocou toda população informando que havia tomado sua decisão. Citando as leis de seu reino, que proibiam o casamento de homens com mais de uma mulher ao mesmo tempo, in-

formou que os pretendentes que se encontravam naquela situação precisariam optar por uma única princesa. Levando em conta o tamanho e riqueza do reino de Oyá, Hiru não hesitou em abrir mão de Obba. Abandonada e ainda abalada com a situação, paralisou-se ao lado do companheiro e ali permaneceu, sem dizer uma palavra sequer.

Observando calmamente a situação, Oyá se posicionou no centro da estrutura de bambu, envolta de todos os pretendentes e respirou.

– Nossa tradição diz que quem possui o bracelete mais belo dividirá o reino comigo.

A plateia suspira, apreensiva. Oyá olha para Obba e vai até ela. Com os dedos, levanta a cabeça da outra princesa e lhe oferece um sorriso.

– Você me daria seu bracelete?



PIPOCCA

A desculpa foi que a pipoca tinha acabado.

Daqui a pouco ele vai desconfiar, ligar os pontos e perceber que uma pipoca não precisa de meia hora para ficar pronta. Menos ainda para alguém ir buscá-la. Posso dizer que a máquina quebrou e, bem, você sabe que até arrumar a máquina leva um tempinho, né? Eu também posso dizer que estava com muita vontade e por isso tive que esperar.

Preciso voltar com um saco de pipoca nas mãos. Não posso esquecer. Enfiar algumas na boca, sujar os dedos de sal. Tudo para mostrar que eu estava com vontade mesmo. daquelas que vêm e não saem de jeito nenhum. Depois eu poderia sentar na poltrona, beijá-lo no rosto e esperar que me perguntasse sobre a fila.

Mas primeiro preciso retomar meus movimentos.

Não consegui sequer ultrapassar a saída da sala de exibição. Quando me dei conta, aqui fiquei, imóvel, apoiada com as costas na envelhecida parede mostarda. Peguei-me observando o carpete de estampas disformes, tristemente acinzentadas. Sobre minha cabeça, luzes amarelas que pouco iluminam minhas ideias e mais incendeiam minha insegurança.

Vinte minutos foi o que consegui aguentar ao seu lado. Quando Benedickt me convidou para assistir a *Jejum do Amor*, pensei que aquilo poderia me encorajar. Estavam todos falando desse filme, de como Rosalind Russell estava magnânima no papel. *Hildy é uma mulher imponente, que sabe o que quer e dita as ordens do jogo*, dizia a crítica. Ótimo. O que eu mais precisava agora era tomar as rédeas e dizer o que precisava ser dito. Precisava encarar meus demônios e abrir o jogo. Aquela angústia que me corroía há meses acabaria hoje. E Hildy parecia uma ótima fonte de inspiração para isso.

Estava preparada desde o momento que me sentei ao seu lado. Havia ensaiado frase por frase. Cogitado toda e qualquer reação. Estava tudo esquematizado na minha cabeça. Eu sabia que não havia como me justificar, por mais que eu tentasse. Não tinha como me explicar, mas eu estava decidida. Eu contaria tudo, explicaria o que aconteceu e em seguida iria embora. Pediria o divórcio.

Tomei coragem. Cerrei os pulsos e respirei. Respirei fundo. No momento em que meus lábios começaram a se separar e a primeira

sílaba coçou na garganta, Benedickt segurou minha mão.

Eu te amo, disse.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi comer a pipoca o mais rápido possível. Comi, comi e comi. Assim teria alguma desculpa para me levantar. Assim conseguiria recuperar a coragem, o tempo. O fôlego.

Volta logo, sussurrei.

A tela que me separa de Hildy também me sufoca. Talvez ela seja o tipo de mulher que consiga trair o marido e não se sentir na obrigação de contar uma palavra sequer. Ela provavelmente desconhecia a culpa. Era dona do próprio corpo, da própria consciência. Seria preciso muito mais que uma pulada de cerca para abalar sua confiança. Afinal, homens traem mulheres a toda hora e não dão a mínima. Já é algo banal, quase natural. Então por que o inverso não poderia acontecer do mesmo modo? Por que eu deveria sentir tanta culpa?

Talvez porque eu sabia que Benedickt não era um homem qualquer. No momento em que o conheci, nesta mesma sala de cinema, soube que ele era diferente. Assistíamos a *E o vento levou* e estávamos sentados a duas cadeiras de distância. Quando os créditos subiram e as luzes se acenderam, vi seus cabelos escuros e cacheados. Seu olhar perdido, azul profundo, esbarrou em mim, meio que sem querer. Sorri, e ele sorriu de volta. Encabulado. Fui eu quem puxei conversa, perguntei o que tinha achado do filme. Se tinha vindo sozinho. E deixei acontecer.

Com o tempo fui conhecendo mais sobre ele. Descobri que era pisciano, calmo como uma maré baixa. Era também músico, tocava violino na orquestra da cidade e estudava literatura. Tinha princípios muito bem estabelecidos. Homem para casar. Nossa relação se desenvolveu mais rápido do que eu imaginava. Em poucos meses fomos morar juntos, dividir as despesas.

Não me lembro muito da noite em que aconteceu. Sei que foi durante uma apresentação, enquanto Benedickt se preparava para entrar no palco. Sentado ao meu lado, um homem extremamente charmoso, alto e moreno. Sem nome. Tomada pelo instinto, como nunca antes, respondi a seu olhar provocativo. Não somente ao olhar. O motivo, tento entender até hoje. Não consigo nem mesmo explicar para

mim o que houve. Não havia nada de problemático em meu relacionamento, não sentia falta de nada na relação. Só sei que simplesmente aconteceu. Como dois animais irracionais, transamos no banheiro do teatro. Uma rapidinha. E nem tão boa assim.

Desde então, a culpa me domina. Não há uma noite em que consigo deitar minha cabeça no travesseiro sem pensar no que aconteceu. Deitar-me com Benedickt nunca tinha sido tão doloroso. A sensação piorava quando o observava dormir, tranquilo. Sentia minha garganta sendo esmagada. Pouco a pouco. O gosto de bile dançava em minha boca. O remorso batucava em um ritmo incessante. Cada vez mais alto.

Olhei para meus pés. Parecia que não sabia mais como movimentá-los. Ergui a cabeça em direção à tela do cinema. O filme estava quase acabando. Precisava tomar coragem, precisava me mexer. Esforcei-me como nunca para dar o primeiro passo. A respiração ficava cada vez mais ofegante. Dei o segundo. Cada vez mais pesada. E continuei.

Lentamente.

Ele estava tão entretido com a cena que sequer percebeu que eu o observava do final da fileira. Ria absurdamente junto com as outras pessoas da sala. Nunca o tinha visto tão feliz, tão sorridente, tão leve. Respirei. Dei mais cinco passos, contados. E sentei.

Havia esquecido a pipoca.



Conto baseado na pintura "New York Movie" (1939), de Edward Hopper.



PUDIM DE CHOCOLATE

Sentado no sofá, segurando a taça nas mãos, aguardo.

Eu não me atrevera a escutar a conversa pela porta. Não faria muito sentido, eu já sabia o que estava sendo discutido. Daqui não consigo ouvir uma palavra sequer, está tudo muito quieto. Pergunto-me como é que meus pais conseguem conversar nessa quase ausência sonora. Talvez estejam cochichando. Talvez estejam evitando se ouvir.

Da salade estar enxergo o corredor que dá acesso à entrada do quarto deles. É estranho como nunca tinha reparado o quão longo ele era. Meu olhar pousa sobre a maçaneta da porta. Apesar da distância, consigo perceber nela os primeiros sinais de ferrugem. O buraco da fechadura agora parece mais escuro. Estranho. Não me lembro dele assim tão estreito.

Sinto uma gota fria escorrer pelos dedos. Olho para minhas mãos. Elas seguram uma taça de plástico verde, daquelas bem vagabundas, comprada em uma loja qualquer de um e noventa e nove. Dentro, um gelatinoso corpo marrom.

Sempre soube que gostava de pudim de chocolate, mesmo antes de experimentá-lo. De onde venho não se pode gostar desse doce. Quer dizer, crianças como eu não podem. Não é que não existam outros meninos que também têm vontade de comer a sobremesa. Mas esse tipo de coisa a gente não sai comentando por aí, sabe?

Minha mãe sempre cozinhava as mesmas sobremesas: pudim de chocolate e mousse de morango. Não importava se era almoço ou jantar, todas as refeições tinham essas mesmas opções. Elena, minha irmã, sempre comia o pudim. Antes mesmo de terminarmos o prato principal, lá vinha mamãe com a sobremesa de cada um.

“É mais macio, filho. O gosto é mais delicado, suave.”

Nunca entendi porque eu tinha que comer aquilo. No começo até suportava, mas com o tempo a vontade de tirar uma lasquinha da sobremesa da minha irmã foi aumentando. Não era inveja, picuinha ou birra de menino mimado. Sei lá, é que ela parecia ter mais sabor, parecia satisfazer mais.

A primeira vez que perguntei para meus pais se eu poderia trocar de sobremesa com a Elena foi um tanto quanto traumática. Lembro do barulho dos talheres escorregando sobre a mesa quase que imediatamente. Nunca tinha visto os olhos de minha irmã tão esbugal-

hados. Minha mãe, surpresa, colocou a mão na frente da boca como se tivesse acabado de ouvir um palavrão. Meu pai simplesmente me encarou de uma maneira que nunca tinha feito antes. Sequer esperei por uma resposta.

Por algum tempo fiquei imaginando o que aconteceria caso eu de fato experimentasse a sobremesa e acabasse gostando. Tive uma pista um mês depois, coincidentemente. Estávamos em uma chácara, para o churrasco de fim de ano da família, quando tive meu primeiro contato com alguém que também não poderia comer o pudim, mas mesmo assim o fazia. Abertamente.

“Olha lá, filho. Você não quer ficar igual ao primo de seu pai, né?”

O interessante é que não me lembro muito bem de como era o primo do meu pai. Desse dia, o que mais me recordo é o modo como as pessoas agiam na presença dele. Não era nada muito escrachado, é claro, mas lembro-me claramente dos cochichos sarcásticos e das risadas abafadas.

Mesmo assim, a ideia de pelo menos experimentar o pudim não saía da minha cabeça. A essa altura eu já não podia sequer comer tranquilamente. Também já tinha desistido de conversar com alguém sobre isso. Tudo que eu fazia era pensar naquele maldito pudim.

O surgimento dos questionamentos foi inevitável. Não podia fazer nada a não ser pensar em como me livrar daquela angústia. Afinal, que mal faria se eu de fato experimentasse? Ninguém descobriria se eu o fizesse secretamente. É provável que eu nem gostasse. Não custava tentar. O pudim estaria ali, disponível, à espera. Eu só precisava tomar coragem.

E hoje eu tomei.

Faltava uma hora para o jantar e minha mãe estava terminando de cozinhar a carne. As sobremesas já estavam prontas, repousando na geladeira. Esperei o momento certo, até que não houvesse mais ninguém na cozinha. Agarrei a taça e me escondi no banheiro mais próximo.

Sentei-me debaixo do chuveiro. Minha mão tremia, mas eu não podia hesitar. Ele já estava ali, não tinha mais como voltar atrás. Eu sabia no que aquilo poderia acarretar, mas a vontade era maior. Parecia algo instintivo. Suei. Será que aquilo estava errado? Senti minhas

veias pulsarem. Nunca havia sentido tanta adrenalina. Abri a boca. Nunca havia sentido tanto calor. Segurei a colher firmemente. Ereta. Mordi os lábios de nervoso. Aproximei-me dele. E comi.

O momento que coloquei o pudim de chocolate na minha boca foi único. Nunca tinha provado algo tão delicioso, algo tão completo. A sensação daquele mastigar distinto, de seu gosto esparramando-se pelas minhas papilas, era diferente de tudo que já tinha experimentado. Pela primeira vez senti que poderia fazer tudo o que quisesse. Ser o que quisesse. Apaixonar-me pelo o que quisesse.

E eu precisava de uma segunda colherada.

Mas a porta se escancarou e minha mãe me surpreendeu. Imediatamente senti o gosto se deteriorar dentro da minha própria boca. Salivei excessivamente. Sentia agora uma textura pegajosa, grudenta. Babei. Uma viscosidade impura, gosmenta, mole. Senti vontade de vomitar. Ânsia. Era como se tudo que eu tivesse experimentado segundos atrás se transformasse em merda. Sim, merda mesmo. Como se todo o prazer se transformasse em culpa.

Ouçó o barulho da maçaneta. A porta do quarto dos meus pais se abre e de lá, pelo ainda mais longo corredor, vem minha mãe. Sem olhar para mim, passa direto pela sala de estar e vai para a cozinha. Deixo a taça verde sobre o sofá e a sigo. Ela apoia a cabeça na geladeira e suspira.

Tive a certeza de que sobremesa nenhuma jamais me satisfaria. Todas perderiam o gosto, até mesmo o pudim de chocolate.



AS VISITAS DE ANA

Acontece todas as noites, sempre às três da madrugada.

Desde que se mudaram para a nova casa, Júlia notou um novo costume de sua mãe. Percebeu que Ana visitava seu quarto todas as noites, sempre no mesmo horário. Ficava parada na entrada do cômodo, observando-a na cama por alguns instantes. Estática. Provavelmente vinha se certificar de que estava tudo bem. A visita durava três, às vezes cinco minutos. Como a garota dormia sempre com as luzes apagadas, conseguia ver apenas a silhueta da mãe. Nunca chegou a dizer nada. Nenhuma das duas.

Apesar de estranhar a situação, Júlia compreendia a preocupação de Ana. Ainda se sentia culpada por toda aquela mudança repentina. Graças a ela, sua mãe provavelmente se obrigava a levantar toda noite para evitar que a garota fizesse alguma outra besteira. Crianças normais de doze anos deveriam estar brincando na rua ou fofocando na internet. Mas ela não. Ela nunca se encaixou e sabia que não iria ter uma vida normal tão cedo. No colégio faziam questão de lembra-la do quão desajeitada e esquisita ela era. Não tinha amigos, não tinha atenção. Bem, pelo menos até um rapaz mais velho da escola a convencer a compartilhar “umas fotos íntimas no privado”. Vazaram, obviamente. Sua mãe só se deu conta do ocorrido quando flagrou a garota soluçando no banheiro, com os pulsos ensanguentados e uma gilete enferrujada em cima da pia. Mudaram-se de cidade na tentativa de minimizar a exposição.

Agora são duas e cinquenta e cinco da madrugada.

A garota precisa se ajeitar na cama e colocar a cabeça sobre o travesseiro. Ela se força a diminuir o ritmo da respiração. Sua mãe está prestes a chegar e não pode, de jeito nenhum, perceber que ainda está acordada. Júlia cobre rosto com o cobertor, deixando apenas uma pequena frecha para espiar a porta entreaberta do quarto. Se sua mãe soubesse que desde que chegaram na nova casa a garota só conseguia dormir três horas por dia, com certeza ela iria se preocupar ainda mais. Ela iria querer conversar sobre o incidente, iria querer saber como estava encarando tudo aquilo. E Júlia simplesmente não queria falar sobre o assunto. Então, pelo menos nos próximos cinco ou dez minutos, o ideal seria simular um sono profundo como vinha fazendo nas últimas duas semanas. Depois ela poderia voltar a apre-

ciar sua melancólica insônia sem que ninguém a vigiasse.

Quando o relógio eletrônico ao lado da cama de Júlia revela o horário redondo, a garota para de se mexer. Pontualmente, alguém se aproxima da porta de madeira envelhecida. Na casa tudo está escuro. Iluminando o ambiente, apenas a luz fraca e amarela do corredor que liga a sala aos quartos. O rangido lento da porta se abrindo quebra o silêncio. Júlia espia por baixo do cobertor. Um vulto de pernas compridas e cintura torta surge na transição dos dois ambientes. Os cabelos, armados, denunciavam o recente despertar. Júlia volta a fechar os olhos. A porta agora está aberta e a pouca luz que emana do corredor se infiltra, sorrateira, pelo carpete escuro do quarto da garota. Com altura intimidadora, o vulto de sua mãe inclina a cabeça levemente para a direita, esforçando-se para observá-la. E ali permanece. Um, dois minutos. Três, quatro. Cinco.

Um sussurro baixo e rouco eriça os pelos da nuca de Júlia.

A garota espia novamente por baixo dos cobertores. Apesar dos cinco minutos já terem se passado, sua mãe continuava ali. Parada. Observando-a silenciosamente. Júlia cerra os olhos e não se mexe. Prende a respiração. Isso nunca tinha acontecido antes.

Outro som ecoa. A garota percebe que são breves batidas na porta, como se sua mãe estivesse tentando chamar a atenção da menina.

Júlia abre novamente os olhos. Vê o vulto materno fazendo um sinal com os dedos, pedindo que a acompanhe. “Pronto, ela percebeu”, pensou. Agora ela teria que conversar com sua mãe justamente sobre aquilo que menos gostava de lembrar. Teria que explicar porque não estava conseguindo dormir, porque permanecia até tarde acordada. Talvez sua mãe decidisse leva-la a um médico, a um psicólogo. Não tinha mais escapatória, o jeito era encarar a situação.

Sem dizer nada, sua mãe segue lentamente para fora de seu campo de visão. Júlia se levanta da cama, calça suas pantufas e se dirige à porta de entrada do quarto. Sob a luz fraca e amarela, vê a figura materna caminhando pelo estreito e longo corredor rumo à sala. Ela a acompanha. A garota percebe o cansaço da mãe que, mesmo à frente, parece se esforçar a cada passo. Nota a falta de fôlego esperada para uma mulherde cinquenta e poucos anos com a saúde afetada pelas constantes crises de asma. Cambaleava, pouco

a pouco, provavelmente porque tinha acabado de acordar. Aquela triste e estranha imagem fazia com que Júlia se sentisse ainda mais culpada por fazer com que sua mãe passasse por essa situação.

Assim que a garota coloca o primeiro pé na sala de estar, logo vê o vulto de sua mãe sentando-se em uma cadeira de balanço de costas para a entrada do cômodo. O ambiente, frio e ainda mais escuro, fez com que Júlia se sentisse intimidada com aquela cena. Será que sua mãe iria lhe dar uma bronca ao invés de conversar sobre o que aconteceu? Por que será que ela a estava tratando tão friamente? Será que havia se cansado de todo o sofrimento causado pelo ocorrido e diria que a partir de agora seria Júlia que deveria resolver os próprios problemas?

– Mãe?, sussurra a garota.

Sem resposta, Júlia dá dois passos em direção à cadeira de balanço no centro da sala. Sente um frio lhe subir a barriga. O medo da desaprovação da própria mãe era a única coisa que passava por sua cabeça. Morde os lábios nervosamente esperando um sinal de Ana.

– Eu sei que não deveria ficar acordada até tarde, é que eu não estou mais conseguindo dormir depois que aquilo aconteceu.

Novamente não há resposta. “Será que ela está chateada ou com raiva do que aconteceu?”. Júlia não fazia mais ideia do que falar para conseguir pelo menos uma resposta de sua mãe. Seus olhos começaram a lacrimejar. A garota suava frio e seus batimentos aceleravam. Não sabia mais o que fazer.

A cadeira de balanço agora está a poucos centímetros à frente de Júlia. Se antes nenhuma resposta era lhe dada, pelo menos daqui já é possível ouvir a respiração pesada da mãe. “Talvez esteja se recuperando de um ataque de asma”, pensou. A garota se preocupa e toma coragem. Levanta o braço e vai em direção ao vulto escuro. Quando está prestes a tocar seu ombro, a luz da sala se acende.

– Que é que você tá fazendo aí, menina?

Júlia olha para trás e vê sua mãe, de camisola e cabelos desarrumados, apoiando-se na porta de entrada do cômodo. O dedo ainda no interruptor. Instintivamente, volta a cabeça para frente.

Não há mais ninguém na cadeira de balanço.



Atividade de composição:
Verso com o tema "Espaço Sideral"

VÁ (C)O

Da via láctea escorre o gozo de uma puberdade universal.



ACEIA

1. INT - SALA DE JANTAR - NOITE DE NATAL

Uma família está reunida na mesa para a ceia de natal. O ambiente está tematicamente decorado e o banquete é farto. A televisão está ligada no canto da sala, o volume baixo. Tia Délia (40), cabelos tingidos de loiro, acima do peso e usando uma quantidade exagerada de joiais, inicia a oração enquanto os outros quatro familiares permanecem de cabeça baixa e mãos dadas.

TIA DÉLIA

Devemos nos lembrar do motivo de estarmos comemorando esta noite. O natal é a celebração do nascimento do maior homem que já colocou os pés na terra. Jesus nasceu para nos dar o exemplo perfeito e morreu por nossos pecados. Devemos ser eternamente gratos e por isso procurarmos insistentemente nossa salvação. Devemos buscar uma vida sem pecados, conforme a vontade de Nosso Criador, para que a morte de seu filho não tenha sido em vão.

Pedro (20), cabelos escuros e desarrumados, estatura alta, pressiona a mão de seu namorado, Guilherme (22), que usa camisa polo e tem cabelos primorosamente penteados. Ele não reage.

TIA DÉLIA

Todos somos pecadores aos olhos do Senhor, mas o que não podemos é permanecer no pecado. Isso é que é abominável. Estamos em um momento de reflexão. Esta é a data do nascimento de Jesus, do nascimento da esperança de uma vida correta e sem desvios. Por mais que o mundo mude, os ensinamentos do Senhor sempre serão os mesmos. Para conservarmos os valores que a Igreja nos ensina, para assegurarmos a continuidade da família, é preciso que honremos o exemplo daquele que morreu por nossos...

PEDRO
(interrompendo)
Amém.

Todos soltam as mãos. Júlio (50), policial militar aposentado, reservado e um pouco grisalho, levanta-se da cadeira e pega uma faca para cortar o peru. Percebemos em sua cintura o revólver que sempre leva consigo. Tia Délia o cutuca, aponta para a arma e faz um sinal com a cabeça. Júlio coloca o revólver ao lado da televisão. De volta à mesa, serve o prato de sua mãe, Dona Antônia (90), cabelos brancos e corpo debilitado por conta de uma doença degenerativa que limita sua movimentação, e volta a se sentar.

TIA DÉLIA
Então, Gustavo...

PEDRO
Guilherme.

TIA DÉLIA
Isso, Guilherme. O que você faz da vida?

GUILHERME
Estou no último ano de jornalismo na federal.

TIA DÉLIA
Mas você só estuda?

GUILHERME
Tive que sair do meu último estágio para me concentrar na produção do meu TCC.

TIA DÉLIA
Desculpe perguntar, mas seus pais concordaram quando você decidiu fazer jornalismo? Digo, bem, você sabe né? Quem é que lê jornal hoje em dia? Sem falar do diploma que agora não é mais...

PEDRO
Então, pai, sabia que o Guilherme foi convidado para trabalhar em uma emissora de TV antes mesmo de se formar?

GUILHERME
(envergonhado)
Pedro...

PEDRO

Eles gostaram tanto do trabalho dele como estagiário que assim que ele pediu afastamento para fazer o TCC eles disseram para o Gui voltar no próximo semestre como membro efetivo.

JÚLIO

(sem jeito)

Que legal, Guilherme...

PEDRO

Ah, inclusive é naquela emissora do pastor, sabe? Dizem que pra trabalhar lá é preciso quase que um milagre de tão exigentes que eles são. Mas no fundo a gente sabe que é tudo mérito mesmo.

TIA DÉLIA

Mas e você, Pedro, quando é que vai largar o cursinho e começar a ajudar seu pai e sua avó em casa?

O som da vinheta do plantão de notícias interrompe a conversa.

JÚLIO

Aumenta o volume da televisão, Pedro.

Uma apresentadora, negra e vestida formalmente, surge para dar a notícia na televisão.

APRESENTADORA DO TELEJORNAL

Interrompemos nossa programação especial de natal para um comunicado urgente. O Ministério da Saúde acaba de confirmar em nota oficial a morte de vinte e cinco pessoas em decorrência de uma contaminação viral. O órgão responsável ainda analisa a ameaça, mas acredita-se que se trata de uma mutação do vírus da raiva. Relatos indicam que o vírus promove alterações repentinas de comportamento, fazendo com que o infectado apresente surtos súbitos de agressividade. Alguns especialistas se dizem alarmados com a evolução rápida da

(MORE)

APRESENTADORA DO TELEJORNAL (cont'd)
contaminação, visto que os sintomas
da infecção só são constatados
segundos antes do surto.

Um som de interfone ecoa pela sala de jantar. Pedro se levanta e vai em direção à cozinha.

APRESENTADORA DO TELEJORNAL
Eles ainda explicam que o vírus
atinge primeiro os nervos
periféricos e depois o sistema
nervoso central, fazendo com que...

2. INT - COZINHA - NOITE DE NATAL

Pedro se aproxima da parede e atende o interfone. Pela câmara de segurança do aparelho, o garoto enxerga Beatriz (40), enfermeira responsável por Dona Antônia. Beatriz está com os cabelos loiros desarrumados, usando apenas um brinco e ligeiramente agitada.

PEDRO
(desconfiado)
Oi, Bea, tudo bem? O que houve?

BEATRIZ
Oi, Pedro, querido. Viu, deixa eu te falar, eu... eu acho que deixei a minha carteira com meus documentos dentro do quarto da Dona Antônia e precisava pegar o quanto antes porque amanhã eu viajo pro, pro... interior né...

PEDRO
Sem problemas, eu busco e levo aí na portaria para você. Onde é que você deixou exatamen...

BEATRIZ
Não, não, é melhor eu pegar. Não sei muito bem se está no quarto da Dona Antônia ou na despensa. Eu precisaria procurar direitinho...

PEDRO
É que nós estamos no meio da ceia, não sei se seria uma boa hora. Mas eu posso...

BEATRIZ
(alterada, olhando para os
lados)
Pelo amor de Deus! Bem, querido, eu
só preciso de ajuda, digo...dos
documentos...

Beatriz começa a coçar o pescoço e olhar para os lados,
desconfiada. Suas pupilas dilatam.

PEDRO
Beatriz, tá tudo bem com você?

BEATRIZ
(falando sozinha, cada vez
mais rapidamente)
Eles não me aceitaram no hospital,
deve ser por causa dos documentos,
eu preciso dos...

PEDRO
Hospital?

BEATRIZ
(voz rouca)
Eu preciso dos...dos...docum... ABRE
A PORRA DESSA PORTA, PEDRO! ABRE A
PORRA DESSA PORTA!

Beatriz começa a socar a câmera do interfone externo e
danifica o aparelho. Pedro dá um passo para trás ainda com o
interfone na mão. De repente ouve um grito rouco vindo da
sala de jantar e um som de tiro. Pedro sai da cozinha às
pressas.

3. INT - SALA DE JANTAR - NOITE DE NATAL

Pedro chega à sala de jantar e vê seu namorado se
contorcendo no chão. Guilherme foi atingido por um tiro na
cabeça. Tia Délia está diante do corpo, com o revólver de
Júlio nas mãos e o vestido branco levemente manchado de
sangue. Júlio está em pé, pasmo, em frente à Dona Antônia,
que permanece imóvel na cadeira.

Pedro corre em direção a Guilherme e se agacha. O corpo já
enrijecido.

PEDRO
(gritando)
Mas o que é que vocês...?!

JÚLIO

Ele começou a se coçar, a suar. A gente perguntava as coisas pra ele mas ele não respondia. Ele simplesmente surtou, explodiu.

TIA DÉLIA

Ele foi pra cima do seu pai e eu tive que fazer alguma coisa.

PEDRO

(indignado)

Tia, você... você matou uma pessoa!

TIA DÉLIA

Ele foi pra cima do teu pai. Eu estava protegendo a nossa família, a minha família!

PEDRO

(olhando pra baixo, mãos na cabeça)

Meu deus...meu deus...meu deus...

TIA DÉLIA

Deus, deus...

Todos ficam quietos por alguns instantes.

TIA DÉLIA

Deus... é isso, faz sentido. Isso não é obra de Deus, isso é um castigo Dele.

Pedro olha para Tia Délia, incrédulo. Ela deixa o revólver em cima da mesa de jantar e se aproxima do sobrinho.

TIA DÉLIA

(apontando para o corpo)

Pedro, você não vê? Isso é um sinal. É um sinal divino.

Tia Délia se ajoelha em frente a Pedro.

TIA DÉLIA

Isso é um sinal para todos nós. Meu Deus. Por que você acha que isso aconteceu justamente nesta noite, no aniversário de Cristo...? Por que você acha que aconteceu justamente com o Guilherme? Pedro, você sempre soube que seu pai nunca aceitou esse modo de vida. Ele

(MORE)

TIA DÉLIA (cont'd)

apenas tolerava para se aproximar mais de você. Desde que sua mãe fugiu, você se tornou a pessoa que ele mais ama no mundo. Ele faz de tudo para te ter por perto, até passa por cima dos próprios princípios, da própria vontade de Deus.

Pedro olha para o pai. Júlio está com a cabeça baixa, ainda incrédulo com o que acabou de acontecer.

TIA DÉLIA

Olhe para sua avó, Pedro, tendo que assistir a tudo isso sabendo que a morte está próxima. Isso é um milagre. Esse menino estava te levando para um caminho que o Senhor não aprova, um caminho que não é natural. O natal é a época do nascimento, do renascimento. "O homem não compreende as coisas do Espírito de Deus porque lhe parece loucura: Coríntios 2:14". O Senhor está intercedendo em nossas vidas por um bem maior, assim como fez com as pragas do Egito, com o dilúvio, com a AIDS. Como você não vê? Isso é a sua libertação, Pedro, é a nossa libertação.

PEDRO

(em grau crescente de descontrole)

Libertação...Louca, louca, assassina. Você é louca, olha o que você fez!

Pedro salta em direção à Tia Délia tentando atacá-la mas é impedido por Júlio. Pedro se debate e grita incontrolavelmente. Tia Délia se afasta e tira de dentro da blusa um terço pendurado no pescoço.

TIA DÉLIA

Júlio, ele também está infectado. Júlio, você precisa fazer alguma coisa. Pelo amor de Deus, ele já está perdido!

Pedro começa a brigar com Júlio, fazendo com que o pai tente imobilizá-lo no chão.

TIA DÉLIA
Júlio, você precisa acabar com
isso. Meu Deus, ele vai te matar!

Júlio agora está com o braço sobre o pescoço do filho.

TIA DÉLIA
Ele não é mais seu filho, Júlio.
Para com isso, mata ele! Mata ele,
mata!

Um tiro atravessa o peito de Tia Délia pelas costas e silencia todos. O corpo cai sobre o carpete em cima do controle da televisão, fazendo com que o canal mude e surja na tela a transmissão da Missa de Natal. Sentada na cadeira e com o revólver em mãos, Dona Antônia se volta para a mesa de jantar e ordena:

DONA ANTÔNIA
Vamos terminar esta ceia.

Pedro e Júlio, atordoados, se levantam, aproximam-se da mesa de jantar e sentam nas cadeiras.

Do lado de fora do apartamento, cenas de caos e brutalidade se repetem. Cada vez mais altas, cada vez mais contagiosas.

FIM

